



## O QUE NOS DIZEM OS CADERNOS ESCOLARES DA PROFESSORA

### CARLOTA JOSEFINA DOS REIS BOTO?

Francisco de Oliveira Filho<sup>1</sup>

Luciani Coelho Guindo dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse texto tem por objetivo a análise de dois cadernos escolar da professora Carlota Josefina dos Reis Boto, relativamente ao Programa para o Ensino Primário de SP, 1969, tendências pedagógicas, as finalidades reais e de objetivo e o currículo prescrito e ensinado. Como fundamentação teórica foi utilizado o historiador André Chervel (1990), o historiador Antonio Viñao Frago (2006 e 2008), as pesquisadoras Ana Chrystina Venancio Mignot (2008) e Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008). Foi possível observar nas análises das atividades dos cadernos que as finalidades reais se aproximam das finalidades de objetivo e/ou que o currículo prescrito se aproxima do currículo ensinado. O texto gravita em torno da seguinte questão: o que dizem os cadernos de escolares da professora Carlota Josefina dos Reis Boto?

Palavras-chave: Cadernos Escolares. Finalidades reais. Finalidades de objetivo. Currículo prescrito. Currículo ensinado.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é um caderno escolar? O historiador Anonio Viñao Frago (2008) para defini-lo nos fala do “conceito estrito” onde ele define como “um conjunto de folhas encadernadas ou costuradas de antemão em forma de livro que formam uma unidade ou volume e que são utilizadas para fins escolares” (p.19). O que um caderno escolar pode nos revelar? Vai depender da maneira como for interrogado. Pode ser apenas um caderno, guardado ao longo do tempo, em um armário, arquivo ou gaveta qualquer. Vai depender das questões que nós, na posição de historiadores, fizemos a eles, de acordo com nosso objetivo na construção do nosso objeto de pesquisa. Sem essas questões um caderno escolar será só um caderno escolar. Prost (2008) chama esse questionamento de espírito crítico do historiador. Tal espírito crítico é de fundamental importância na escrita da história. É ele que irá

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN) – fofilho2004@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. lucianicsantos@hotmail.com

dar vida e movimento aos cadernos empoeirados, por sorte guardados pela professora Boto. Tal material será transformado em fontes de pesquisa, pelas questões que iremos dirigir aos mesmos. Para Prost, “não existem fatos, nem história, sem um questionamento; neste caso, na construção da história, as questões ocupam uma posição decisiva” (p.75). Assim, por si só, os cadernos nada dizem ou nada dirão, se não forem devidamente inquiridos e/ou questionados. As respostas aos nossos questionamentos originarão os fatos históricos, que tornarão possível o nosso texto. Via de regra tais materiais são descartados, perdidos. Imaginar que alguém possa guardar durante tanto tempo é algo difícil; por isso, a importância desse material. Ele poderá nos mostrar, de certa maneira, movimentos pedagógicos e revelar as práticas dos professores, mostrando-nos o que realmente ocorria em sala de aula, num confronto entre as finalidades de objetivo e as finalidades reais, entre o currículo prescrito e o currículo ensinado que será discutido mais a frente.

De início em um pequeno texto teceremos considerações teóricas sobre os cadernos escolares. Após algumas linhas sobre a professora Carlota Josefina dos Reis Boto; depois uma análise superficial do Programa do Ensino Primário do Estado de São Paulo de 1969 e, por fim, a análise dos cadernos, consoante o programa e as tendências pedagógicas, buscando perceber as apropriações<sup>3</sup> levadas a efeito pelos professores do Programa.

## **O CADERNO ESCOLAR COMO OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA**

Qual seria a importância dos cadernos escolares para a História da Educação? Para a História da Educação Matemática? Eles têm valor histórico?

A pesquisadora Ana Chrystina Venancio Mignot (2008) vai nos dizer que a história dos cadernos escolares se entrecruza com a história da educação. Nos diz também que

---

<sup>3</sup> O conceito de Apropriação está sendo tomado à Roger Chartier, de seu texto “O mundo como representação”, no qual Chartier se refere ao modo que as representações são recebidas e como delas fazem uso por meio do conceito de apropriação que “[...] visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem e que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p.178).

Passamos por eles despreocupadamente, sem enxergar que falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos das práticas avaliativas, dos valores disseminados, em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos (MIGNOT, 2008, p.7)

Nas palavras de Mignot, a complexidade desse objeto e o quanto o mesmo pode nos contar a respeito da escola, da organização escolar, do funcionamento da escola. Ele pode nos revelar o que foi vivido em sala de aula.

Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008) vão nos dizer que

[...] é possível considerar que os cadernos funcionam como produtores de saberes, e não como meros transmissores. Produtores, no atinente aos mecanismos que o caderno põe em funcionamento. Por exemplo, cabe destacar que operar um caderno requer o manejo de certas normas, que são de relevância entre o que se pode denominar como saberes escolares. Estabelecer uma correspondência entre a sucessão espacial das folhas e a sucessão temporal da tarefa é um dos saberes necessários ainda que não suficiente para o uso do caderno de aula. Este saber é produto deste especial dispositivo escolar (GVIRTZ & LARRONDO, 2008, p.40).

A pesquisadora Anne Marie Chartier (2007) abre seu texto com a seguinte questão: como saber o que fazem os alunos em sala de aula? Hoje, os pais se dão ao luxo de acompanhar em tempo real a rotina dos alunos; pode-se ir às escolas e interrogar os alunos. Mas, e os historiadores, como fazem? Como investigar o que se passou no interior das salas de aulas entre professores e alunos? Analisando os vestígios deixados por tais relações, pelas práticas dos professores, pela atuação dos alunos. Os cadernos escolares são uma maneira, são uma das fontes as quais os historiadores podem recorrer para reconstruir práticas escolares passadas. Mas que tipo de fonte é essa? O que ela pode nos dizer? Chartier vai nos dizer que

Os cadernos escolares são um material pouco utilizado nas pesquisas históricas, devido à sua extrema fragilidade. Eles fornecem, entretanto, testemunhos insubstituíveis a respeito dos exercícios escolares, das práticas pedagógicas e do desempenho dos alunos no contexto da sala de aula (Chartier 2007, p.13)

Silva & Valente (2008), trouxeram Silvina Gvirtz que, em sua tese de doutorado fez uma análise de 781 cadernos, para dizerem que

O caderno é um espaço de interação entre professor e aluno, uma arena na qual se enfrentam cotidianamente os atores do processo de ensino-aprendizagem e onde, portanto, é possível vislumbrar os efeitos dessa atividade: a tarefa escolar. A favor da eleição deste objeto se encontra o fato de todos os dias, em quase todas as horas de aula, alunos e professores levam a cabo um minucioso processo de escrituração cujos âmbitos de registro não

podem desconsiderar o caderno e a lousa. Assim, o caderno constitui um campo significativo para observar os processos históricos e pedagógicos da denominada “vida cotidiana da escola”; nem tanto no que tenciona as relações de poder interpessoal mas, e sobretudo, no que concerne a produção de saberes (GVIRTZ, 1997, p.23-24, apud SILVA& VALENTE, 2009, p.27)

Sim, um “espaço de interação cotidiano”, que relaciona professor e aluno, no dia-a-dia da escola. Aqui, julgamos importante situar esse “espaço de interação” dentro da pesquisa histórica entendendo-o como o que Julia vai chamar e caracterizar de Cultura Escolar: “um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e os comportamentos a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão e a assimilação de tais saberes e a incorporação destes comportamentos” (JULIA, 1995, p.354).

Hébrard (2001), vai trazer-nos uma outra visão do caderno escolar, a do “espaço físico do caderno”, quando relata o começo da utilização dos cadernos pelos alunos, na França:

O caderno escolar, que substitui então a simples folha de papel, torna-se o espaço de escrita no qual acontecem todas estas aprendizagens. O aluno descobre aí não somente como ordenar o espaço bidimensional próprio à ordem gráfica, mas também como, pela escritura, dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias. Misturando ao texto esquemas, figuras e mesmo imagens, ele se dá os meios de dispor de um instrumento próprio a organizar a enciclopédia de seus conhecimentos (HÉBRARD, 2001, p.115)

O que acima trouxemos, coloca o caderno em posição de destaque como objeto de pesquisa em função do muito que ele pode nos trazer e nos dizer.

Chartier (2007) ainda pontuará que

Os cadernos escolares podem nos ajudar a entender o funcionamento da escola de uma maneira diferente da veiculada pelos textos oficiais ou pelos discursos pedagógicos. Por essa razão, compreendemos o interesse dos historiadores por essas fontes que escaparam ao seu destino natural, a destruição. Como proceder para se passar, graças a esses materiais, de uma visão discursiva do ensino a uma análise concreta dos processos de escolarização, que fazem com que o aluno entre no mundo ordenado dos conhecimentos? (CHARTIER, 2007, p.14).

Essa “fala” de Chartier nos levou às finalidades do ensino trabalhadas por André Chervel (1990) em sua obra “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”, quando o mesmo discorre sobre as finalidades de objetivo e finalidades reais. As finalidades de objetivo são aquelas ligadas às

legislações, leis decretos, o que podemos extrair da fala de Chartier, “textos oficiais e discursos pedagógicos” e as finalidades reais, aquelas que refletem o que realmente ocorre no interior das escolas, nas salas de aulas e, nesse sentido a análise histórica dos cadernos ganha relevância. Para Chervel, “o estudo das finalidades não pode, pois, de forma alguma, abstrair dos ensinamentos reais. Deve ser conduzido simultaneamente sobre os dois planos, e utilizar uma dupla documentação, a dos objetivos fixados e a da realidade pedagógica” (CHERVEL, 1990, p.191).

Relativamente às reformas e inovações educativas, o historiador Antonio Vinão Frago (2002) nos diz que um dos problemas da implantação e difusão das reformas é a distância ou defasagem existente as propostas teóricas, o texto das leis e as práticas docentes e discentes ocorridas nas escolas. Nesse sentido, nos diz que

[...] os cadernos escolares constituem uma fonte valiosa na hora de conhecer e analisar de um modo bastante confiável tanto os processos de implantação e difusão mencionados como os de hibridação, adaptação, acomodação, rechaço ou aceitação que costumam acompanhá-los (VINÃO, 2002, p. 82-120).

Posta está a importância dos cadernos escolares como fonte de pesquisa histórica e, nosso texto terá como foco, 2(dois) cadernos escolares da professora Carlota Josefina dos Reis Boto. Quem é essa professora?

#### **A PROFESSORA CARLOTA JOSEFINA DOS REIS BOTO<sup>4</sup>**

A professora Carlota Josefina dos Reis Boto é livre-docente em Filosofia da Educação pela FEUSP (2011), mestre em História e Filosofia da Educação pela FEUSP (1990) e doutora em História Social pela FFLCH/USP (1997). Iniciou sua carreira no magistério primário em 1981, no Colégio São Norberto em São Paulo, permanecendo até 1982. Entre 1983 e 1986 trabalhou como professora na Escola Morumbi. Entre 1983 e 1986 desempenhou a função de Assessora da Coordenação Técnica, contratada como Professor III na Escola de Aplicação da USP. Entre 2000 e 2001, foi diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação (FFLE) do Mackenzie. Desde 2002 leciona na área da Filosofia da Educação na FEUSP.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/31439/carlotajosefina-malta-cardozo-dos-reis-boto/>. Acesso em 15/01/2017.

## O PROGRAMA DA ESCOLA PRIMÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, NÍVEIS I E II, DE 1969<sup>5</sup>

Os cadernos da professora Boto são de 1969, e pelo que pode se observar nos cabeçalhos das páginas do mesmo, ela estudou no Externato Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo. O programa que vamos apresentar data de 1968. Inferimos que à época dos cadernos foi o de vigência desse Programa. Nosso intuito nesse texto é apresentar o programa de maneira a situarmos nosso texto como um todo e os cadernos julgamos a serem alvo de análise, legal e pedagogicamente.

Nossa intenção nessa parte do texto é conhecermos um pouco a estrutura do Programa, mostrando as partes mais importantes e/ou a espinha dorsal do mesmo. Um Programa para o Ensino Primário não traz apenas um rol de conteúdos. Segundo Valente (2014), “..esses textos oficiais, dentre outras coisas, condensam pedagogias e conteúdos de ensino (VALENTE et all, 2014, p.192). Ainda sobre esses Programas assim se posicionou:

Como documentos que ditam uma norma da cultura escolar, os programas, em cada época, exprimem o resultado de embates entre diferentes instâncias – políticas, sociais, culturais, escolares, dentre outras – com pesos relativos diversos em cada tempo, de cada uma dessas searas (VALENTE et all, 2014, p.193).

Essa “fala” de Valente, nos traz novamente à lembrança os embates entre as finalidades de objetivo, relativa ao Programa e as finalidades reais, dos cadernos. Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008), quando relatam pesquisas sobre os cadernos escolares se referem à pesquisa de María del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora (2003), que discutiram a compreensão entre o currículo prescrito *versus* o currículo ensinado.

Podemos pensar então, qual a Pedagogia existente no bojo desse Programa que ora analisamos? Na leitura da obra “A aritmética nos primeiros anos escolares” (2016), o texto de Valente separa o ensino de aritmética em etapas pedagógicas, o que ele chama de “vagas pedagógicas”. Interessante a designação de “vagas”, porque na verdade o termo foi muito bem utilizado. Essas mudanças pedagógicas vêm mesmo em forma de “vagas”, correntes de pensamento e ação que alteram a prática pedagógica, a maneira, a forma de trabalho, dos diversos atores no interior da Escola; mais tecnicamente falando, os processos didático-pedagógicos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104788>. Acesso em 15/01/2017.

Face ao contexto temporal dos documentos que estamos analisando, os cadernos e o programa datam de 1969, correspondente à vaga pedagógica do estruturalismo que, segundo Valente, irá trazer o ensino para a revolução tecnológica, com a álgebra antes da aritmética. As características mais marcantes do Estruturalismo, são a relevância do simbolismo sobre as entidades simbolizadas; a estrutura oculta sendo mais importantes que aquilo que está evidente; "...o estruturalismo como tratamento das relações entre as partes e o todo; a totalidade como prioridade lógica sobre as partes ..." (VALENTE, 2016, p.25).

O que essa vaga vai trazer? Aritmeticamente falando, relativamente ao Sistema de Numeração Decimal, "caracterizar número natural a partir das noções de conjunto" (p.28). Diferentemente das outras vagas, a questão é o ensino dos rudimentos da Teoria dos Conjuntos, o ensino das relações entre conjuntos; "o ensino das relações indica álgebra precedendo a aritmética" (p.33). Portanto, então, podemos inferir que os documentos ora sob análise, estão dentro da vaga estruturalista, acima descrita. Entretanto, vale a pena ressaltar que, a nosso ver, tais vagas não são movimentos estanques, presos a prazos e datas. As fases pedagógicas, mesmo diante de uma modificação vinda de outra, permanecem nas práticas pedagógicas durante anos e acabam por se entrecruzar.

O Programa irá trazer logo em seu primeiro item, a questão dos Conjuntos.

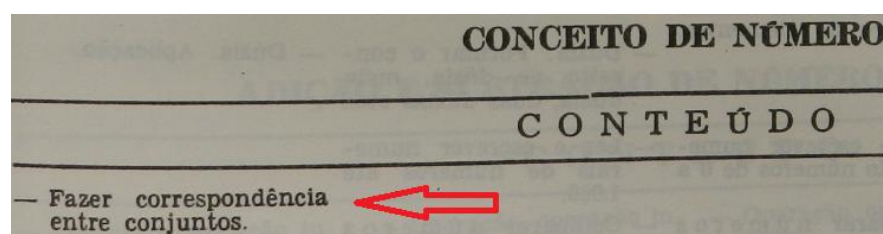


Fig. 1 (SÃO PAULO, 1969, p.21)

Quando discorre sobre a Matemática (conceito e objetivos) assim se apresenta:

**CONCEITO**

O ensino da Matemática na Escola Primária tem como objeto de estudo a formação de conceitos, o estabelecimento de relações numéricas e espaciais, compreensão das operações com números e fatos geométricos.

Os vários conteúdos, tratados dentro de nova estruturação, permitem o desenvolvimento da compreensão e da criatividade, encorajam a descoberta de ideais e generalizações.

Fig. 2 (SÃO PAULO, 1969, p. 16)

**OBJETIVOS**

Com o estudo da Matemática espera-se que a criança:

1. Desenvolva seu pensamento de tal forma que se torne capaz de:

- — abstrair (pensar também na ausência de objetos concretos);
- — analisar (perceber os vários elementos existentes no objeto);
- — sintetizar (compor com vários elementos um todo completo).

2. Venha:

- — a classificar, ou seja, agrupar objetos ordenados segundo uma relação de coordenação e subordinação;
- — a ordenar, isto é, agrupar os objetos de acôrdo com as semelhanças percebidas e seriá-las segundo suas diferenças quantitativas.
- — a comparar, isto é, perceber as diferenças e semelhanças entre os objetos;
- — a raciocinar, isto é, ser capaz de estabelecer relação entre os fatos.

3. Compreenda a linguagem matemática, possibilitando o uso claro e preciso da representação simbólica que lhe é pertinente.

4. Forme hábitos e métodos de trabalho:

- — desenvolva técnicas de pesquisa;
- — desenvolva a capacidade de avaliar o trabalho realizado.

5. Perceba que o estudo da Matemática é atraente e concorre para o desenvolvimento posterior nos mais variados campos do conhecimento da vida prática.

6. Desenvolva sua criatividade e sensibilidade estética na medida em que perceba a ordem e harmonia existentes nas relações matemáticas.

Fig. 3 & Fig. 4 (SÃO PAULO, 1969, p.16)

Sublinhadas estão, acima, algumas características da vaga Estruturalista.

O programa assim se apresenta quando se refere aos objetivos do Sistema de Numeração Decimal:

**I — SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL**

**OBJETIVOS**

Visa-se neste item criar condições:

- à associação do nome do número (numeral) a uma quantidade;
- à compreensão que cada número contém uma unidade a mais do que o antecedente (exceção feita ao zero);
- à compreensão dos ordinais;
- à formação dos numerais dos números maiores que 9 (base 10):

- a) à compreensão de que o valor do algarismo depende de sua posição no numeral;
- b) à compreensão da dezena como formada por 10 unidades, da centena como formada por 10 dezenas, do milhar como formado por 10 centenas;

- à formação do conceito de igualdade e desigualdade;
- à compreensão da dúzia como formada por doze elementos;
- ao reconhecimento de números pares e ímpares.

Fig. 5 (SÃO PAULO, 1969, p.18)

Postas também estão acima, características que nos remetem à vaga estruturalista.



Mostradas algumas características do Programa, nosso objetivo agora é fazermos uma análise dos cadernos escolares da professora Boto, objetivando encontrar nos mesmos vestígios históricos que nos dê condição de trabalhar a questão norteadora desse texto.

## **OS CADERNOS DA PROFESSORA CARLOTA JOSEFINA DOS REIS BOTO**

Os cadernos escolares que serão alvo de nossa análise são datados de 1969, sendo um deles, um caderno “doméstico”<sup>6</sup> e um de “rascunho”<sup>7</sup>.

A análise do caderno atenderá a duas categorias de análise: em um momento, utilizando-os como fonte, procurando analisar conteúdos e metodologias contidos nos mesmos; em outro, o caderno será analisado em si mesmo, como um objeto, um produto vendido, comprado, distribuído, utilizado, como um livro ou outro dispositivo. Independentemente da categoria de análise, é interessante trazer, neste momento a “fala” de Viñao Frago, trazida por GVIRTZ & LARRONDO:

Um caderno é um produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho na sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos, e dos ritmos, regras e pautas escolares. Com produto escolar, o caderno reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que se utiliza (VIÑAO, 2006, apud GIVRTZ & LARRONDO, 2008, p.39).

Os cadernos que serão analisados são de tipologias diferentes, sendo um “doméstico”, outro “de rascunho”. Que diferenças eles nos mostram face a tal tipologia? Relativamente à tipologia, Viñao Frago (2008), nos diz que num sentido mais amplo encontramos diferentes tipologias de caderno escolar, dentre eles

O caderno individual de deveres ou trabalho do aluno em suas duas modalidades: “de rascunho” (*cahier de browillon*, até 1950 chamado *cahier d’essa*), e passado a limpo. Esse caderno individual, quando inclui toda classe de exercícios e tarefas, recebe o nome de caderno “diário” (*cahier du jour*) (VIÑAO FRAGO, 2008, p.21).

Nesse sentido podemos inferir que os cadernos sob análise são considerados do tipo “individual” sendo um “doméstico” (passado a limpo) e o outro “de rascunho”. Ao “percorrer os cadernos” não notamos grandes diferenças entre os dois. Sendo mais rigoroso, podemos dizer que o caderno doméstico tem um “acabamento melhor” na escrita, até pelo fato de, provavelmente, ter sido “passado a limpo”.

---

<sup>6</sup>Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/163502>. Acesso em 11/06/2017.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/163327>.

É importante destacar que não tivemos “acesso físico” aos cadernos. Tivemos acesso aos mesmos através do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>8</sup>. A ideia é fazermos uma primeira análise que poderemos chamar de “documental”, verificando aspectos exteriores dos cadernos. Nesse sentido, o caderno “doméstico” é encapado e na parte frontal encontramos uma etiqueta com os seguintes dizeres: “Doméstico I. Carlota Josefina dos Reis Boto”. É do tipo brochura. Considerando que as páginas foram escaneadas de forma aberta, o caderno tem 72 páginas que não são numeradas. O outro caderno possui as mesmas características do caderno doméstico, sendo que na parte frontal encontramos uma etiqueta com os seguintes dizeres: “Rascunho I. Carlota Josefina dos Reis Boto. 1º Ano”. Possui 84 páginas que não são numeradas.

Agora nosso objetivo é analisar os cadernos como fonte de pesquisa, procurando conteúdos e metodologias que correspondam ao Programa que apresentamos e à vaga estruturalista.

Relativamente ao caderno “doméstico”, logo à primeira página nos deparamos com um exercício de “escrita e ordenação de números de 0 a 20”, que podemos observar, foi corrigido pelo (a) professor (a) e classificado como “ótimo”.

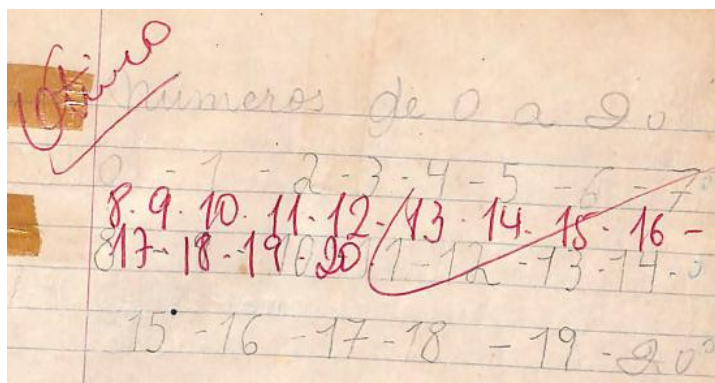


Fig. 6 – BOTO (1969)

No Programa, podemos localizar o conteúdo dessa atividade no item Sistema de Numeração Decimal – conceito de número, como “Ler e escrever numerais de números de 0 a 100”.

---

<sup>8</sup>Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (<https://repositorio.ufsc.br/>), utilizada como base de dados para os diversos Projetos de Pesquisa do GHEMAT – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática do Brasil ([http://www2.unifesp.br/centros/ghemat/paginas/about\\_ghemat.htm](http://www2.unifesp.br/centros/ghemat/paginas/about_ghemat.htm)).

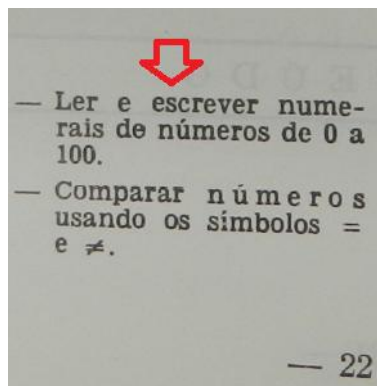


Fig. 7 – SÃO PAULO, 1969, p.22

Em outra página, vemos as seguintes atividades:

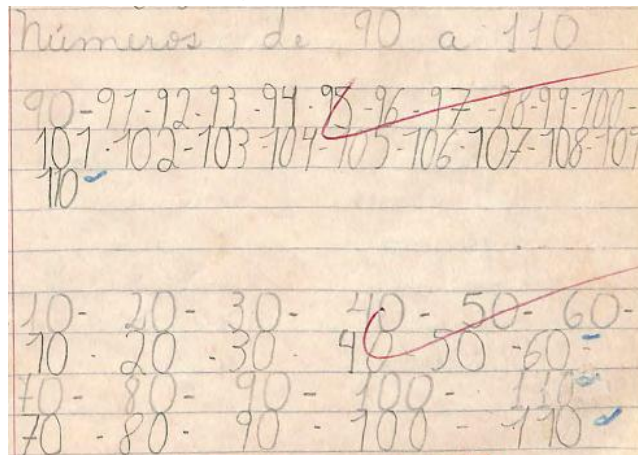


Fig. 8 (BOTO, 1969)

Essas atividades se enquadram no item Sistema de Numeração Decimal – Conceito de Número do Programa, e podem ser enquadradas nas situações abaixo assinaladas:

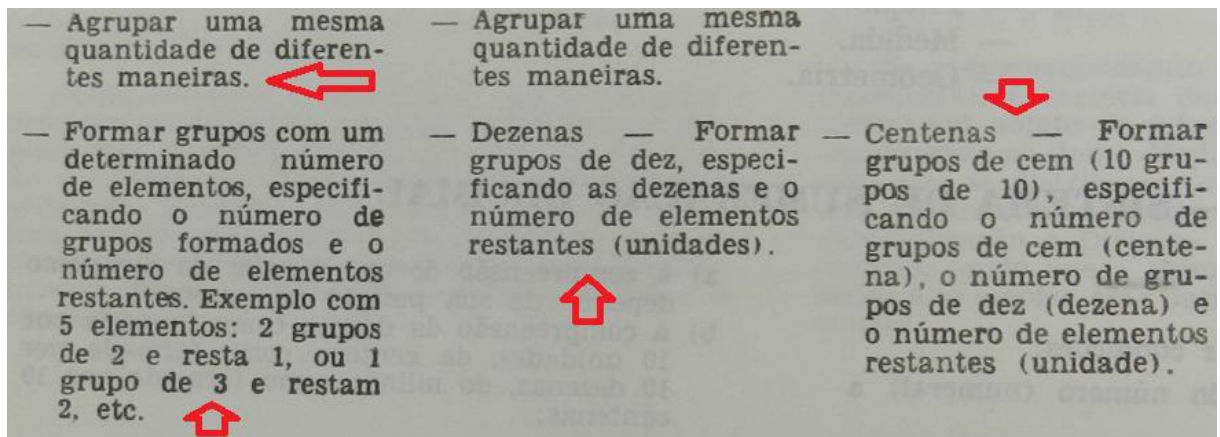


Fig. 9 (SÃO PAULO, 1969, p.22)

Percorrendo o caderno encontramos uma outra atividade mais à frente:

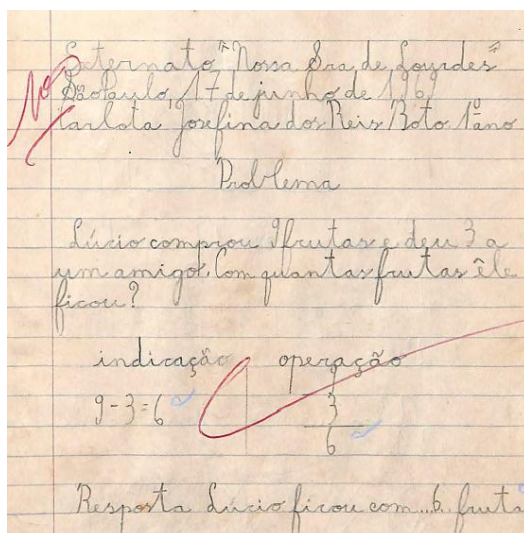


Fig. 10 (BOTO, 1969)

No programa, podemos enquadrá-la no item “Adição e Subtração de Números Naturais”

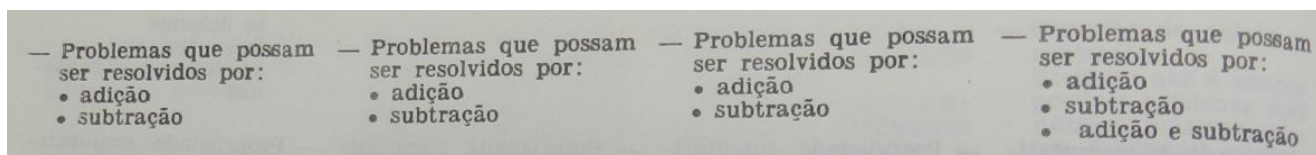


Fig. 11 (SÃO PAULO, 1969, p.26)

Relativamente ao caderno “de rascunho”, como já dissemos não vimos tanta diferença em termos de apresentação do mesmo, mas podemos pinçar uma atividade ou outra:

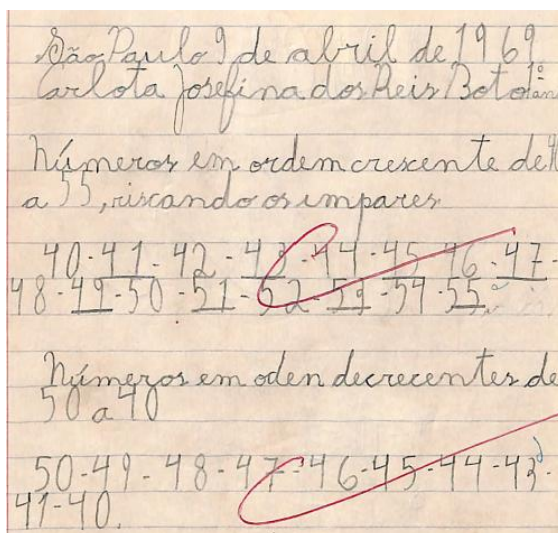


Fig. 12 (BOTO, 1969)

Podemos enquadrar tal atividade dentro do item Sistema de Numeração Decimal – Conceito de número:

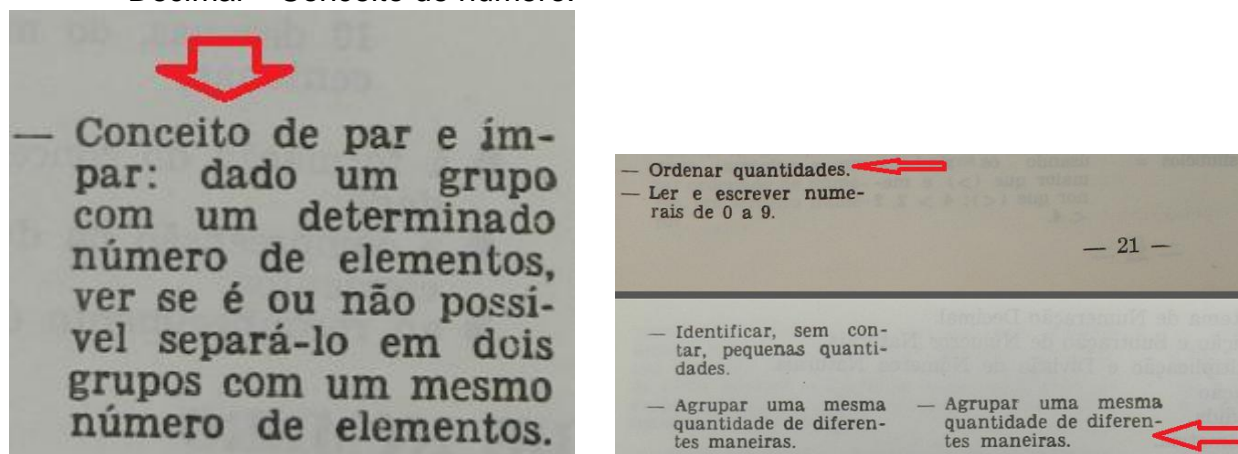


Fig. 13-14 (SÃO PAULO, 1969, p.21-22)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível para nós, analisarmos, em parte, 2(dois) cadernos escolares da professora (hoje) Carlota Josefina dos Reis Boto (aluna à época). Um deles era um caderno classificado como “doméstico” e outro classificado como “de rascunho”. Na análise intentamos verificar e/ou perceber se haviam proximidades entre as *finalidades reais* e as *finalidades de objetivo* (Chervel, 1990) e/ou entre o *currículo prescrito* e o *currículo ensinado*. Foi possível perceber que as atividades dos cadernos se aproximam do que foi proposto pelo Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo, de 1969, ou seja, podemos inferir que o (a) professor (a) cumpria o Programa, ou o que estava preconizado no mesmo. O que era trabalhado em sala de aula estava em consonância com o que fora proposto pelo texto do Programa e, ao final, as *finalidades reais* se aproximam das *finalidades de objetivo* e/ou o *currículo prescrito* se aproxima do *currículo ensinado*.

Um outro texto poderá dirigir o olhar para tais cadernos novamente para, por exemplo, identificar semelhanças e diferenças entre as tipologias dos cadernos, analisando mais atentamente as atividades de mesmo conteúdo de ambos e, assim, estabelecer relações e chegar a conclusões diferentes sobre essa complexa ferramenta de pesquisa histórica que são os cadernos escolares.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, A. M. Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os. Revista de Educação Pública. Cuiabá, v.6, n.32, 2007, p.13-33.

CHARTIER, R. O mundo como representação. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, 11(5), p. 173-191, 1991.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre: Panonina, n. 2, 1990.

GIVRTZ, S. & LARRONDO, M. Os cadernos como fonte de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, A.C.V (org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. 2008.p. 35-48. Ed. UERJ. Rio de Janeiro.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França–séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da educação*, n. 1 jan/jun 2001.p 115-130.

MIGNOT, A.C.V. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, A.C.V (org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. 2008. p. 7-13. Ed. UERJ. Rio de Janeiro.

PROST, A. *Doze lições sobre a história*. 2008. Autêntica. SP.

SILVA, M. C.; VALENTE, W. R. Na oficina do historiador da educação matemática: cadernos de alunos como fontes de pesquisa. Organizado por Iran Abreu Mendes e Miguel Chaquiam. 1. ed. Belém: SBHMat. 2009. v.1. 74 p.

SP. Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo. 1960. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104788>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

VALENTE, W. R. et all. Os saberes elementares matemáticos e os Programas de Ensino, São Paulo (1894 – 1950). In: COSTA, D. A & VALENTE (organizadores). *Saberes Matemático no curso primário: o que, como e por que ensinar?* 2014. p.191-227. Editora Livraria da Física. São Paulo.

VALENTE, W.R. A aritmética na escola ontem. In: VALENTE, W. R. et all. *A aritmética nos primeiros anos escolares: história e perspectivas atuais*. 2016. Editora Livraria da Física. São Paulo.

VIÑAO, F. A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A.C.V (org). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita. 2008.p. 15-33. Ed. UERJ. Rio de Janeiro.

VIÑAO, F. A. Sistemas educativos, culturas escolares y reformas. Continuidades y câmbios. Madri: Morata, 2002.